

Introdução

Em julho de 1945, Vannevar Bush publicou um artigo com o título “As We May Think” (Bush, 1945) no qual questionava os métodos de organização da informação utilizados na comunidade científica, baseados em uma ordem puramente hierárquica. Segundo o autor, deveria ser desenvolvido um método inspirado na maneira como a mente humana funciona, ou seja, através de associações, interligando uma informação a outra por meio de referências.

Ao longo das décadas, o projeto de Bush influenciou muitos pesquisadores como Ted Nelson, que nos anos 60 difundiu o termo **hipertexto** (Nelson, 1965), e Doug Engelbart, criador do mouse (Engelbart, 1968). Contudo, foi Tim Berners Lee, no final dos anos 80 nos laboratórios do CERN (Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear), que iniciou o desenvolvimento da Word Wide Web (Berners-Lee et al., 1996, 1998), tornando-se hoje o maior e mais bem difundido sistema digital de troca de conhecimento do mundo, motivando inúmeros trabalhos e pesquisas.

Mesmo diante de todas essas descobertas, a minha relação com o computador e, posteriormente com a *Internet*, iniciou-se somente na segunda metade dos anos 90, em 1996, época em que eu ainda usava as máquinas da universidade, pois o alto preço dos computadores daquela época não os tornava acessíveis.

Ao longo da graduação, fiz uso de vários tipos de máquinas, das mais antigas às mais sofisticadas. Cada vez mais, sentia a necessidade de fazer todos os trabalhos no computador, de “digitá-los”, pois, até então, eram feitos na máquina de datilografia. Paralelamente a este uso do computador, a curiosidade surgiu: O que é a *Internet*? Como posso ter acesso a coisas que não imaginava antes conseguir com tanta rapidez? Quais as novidades que ela pode me mostrar? Criar uma conta de e-mail, conversar em tempo real sem ouvir ou ver necessariamente as pessoas, como isso poderia acontecer? E, assim, foram vários os questionamentos; alguns mais técnicos já respondidos, outros, de ordem mais subjetiva, que ainda estão por serem compreendidos.

Pouco mais tarde, já no mestrado, tive a sorte de compartilhar das aulas de um professor, Cílio Rosa Ziviani, que, com sua sabedoria, fez-me desvendar alguns mistérios que ainda me povoavam em relação ao uso do computador e ao uso da *Internet*. Além da pesquisa de mestrado, desenvolvia juntamente, e com sua orientação, uma nova pesquisa na qual foi usado, essencialmente, o computador como ferramenta de trabalho. Usávamos um *software* específico para análise de dados em psicologia conhecido como “RUMM2010¹”. No entanto, o que mais me chamava atenção era a habilidade que o professor tinha de manejar aquela máquina. Esse momento ficou reservado em minha memória e continuei a desenvolver minha proposta inicial de pesquisa para o mestrado.

Foi durante a pesquisa de campo realizada com professores de ensino superior que mais uma vez questões relativas ao uso do computador e da *Internet* vieram à tona. Na primeira parte da pesquisa, realizei uma entrevista aberta com oito professores de ensino superior. Não importava, naquele instante, o curso no qual lecionavam e nem mesmo o gênero. Naquele momento, perguntava quais eram os fatores que lhes davam satisfação ou insatisfação no trabalho. Pedi aos professores que listassem livremente tais fatores e, à medida que colocavam seus depoimentos, novas questões surgiam, tais como: dificuldades no manejo com os recursos tecnológicos disponíveis na universidade, dificuldade de comunicação, apesar das facilidades de acesso à Rede e certa “pressão” para publicação e disponibilização dos artigos *online*.

Entretanto, como na ocasião o foco de estudo era outro, não seria favorável naquela altura mudá-lo. As entrevistas tinham a função estrita de fazer um levantamento da opinião dos professores, visando uma posterior categorização das respostas e a montagem, como objetivo final, de uma escala de medição da satisfação no trabalho. Mas as narrativas fizeram-me abrir ainda mais os olhos e a sensibilidade para o que poderia estar emergindo para além dos dados obtidos naquele momento.

Novas questões começaram a surgir: o que estaria por detrás daquelas narrativas e quais os sentimentos envolvidos em tais experiências? Quais os significados que emergem nesse encontro do sujeito (professor) com tecnologia (*Internet* e computador)? Considerando que para alguns teóricos o trabalho

¹ Bond, T. G. & Fox, C. M. Applying The Rasch Model. LEA Publishers, New Jersey, London, 2001.

dignifica o homem e, de certa forma, o constitui como fazendo parte de um grupo social, qual será a opinião dos professores em relação à inserção dessas novas ferramentas no seu trabalho? A aquisição de hábitos *online* pode influenciar o seu papel de professor? Como é a rotina do trabalho diante da inserção das novas tecnologias? O trabalho docente é facilitado pelo uso desses recursos? Como a informática é vista por estes “novos” usuários dentro do seu trabalho?

Assim, o presente estudo teve por objetivo analisar como os professores estão lidando com a inserção da *Internet* e do computador no seu cotidiano de trabalho; como eles trabalhavam antes da inserção das novas tecnologias e como eles trabalham hoje. Para tal pesquisa, foram feitas algumas entrevistas em que foi dada voz aos professores a fim de que falassem sobre seu cotidiano de trabalho.

Com essas entrevistas, foi feita uma análise do discurso para identificar a percepção das mudanças e os sentimentos envolvidos nessa transição.

Este trabalho está dividido em sete capítulos. No segundo capítulo, intitulado: “*Sobre transições*” serão apresentadas, primeiramente, as idéias de três autores no que diz respeito à transição do mundo Moderno para o Pós-Moderno, ou às mudanças advindas de uma Sociedade organizada em Rede, proposta por Manuel Castells (2006), bem como a caracterização de cada um desses momentos históricos.

Em seguida, as análises sobre a categoria **trabalho** focando as mudanças, segundo esses mesmos autores, ocorridas no mercado do trabalho. Embora os autores, escolhidos para fundamentar este estudo, usem contrapontos distintos para falar da transição - Richard Sennett (2003) e Zygmunt Bauman (2001) têm a Modernidade e Castells (2006), a Revolução Industrial - eles darão, em alguns pontos, grande contribuição para esta pesquisa, pois abordam as mudanças que estão ocorrendo no mercado de trabalho.

Autores tais como Sennett, (2003) e Bauman (2001) falam de uma ruptura histórica privilegiando o estado anterior – a Modernidade – e desvalorizando-o, fazendo julgamentos negativos ou, até mesmo, desacreditando no novo estado – a sociedade Pós-Moderna. Castells, ao contrário, não usa o referencial Modernidade/Pós-Modernidade para falar sobre a ruptura histórica. Ele usa como parâmetro a Revolução Industrial e reforça, de forma mais otimista, as mudanças que vêm acontecendo no mundo contemporâneo.

O que Sennett e Bauman irão apontar é que a idéia de uma sociedade reorganizada, construída com novos parâmetros de comunicação e de relacionamento interpessoal, por exemplo, traz um verdadeiro sentimento de insegurança e prejuízo em relação ao que foi até então dito como verdade ou, ao contrário, no caso de Castells, a nova configuração social se traduz em evolução e prosperidade.

No capítulo três *“Professores de Ensino superior: uma reflexão do trabalho docente dentro da visão de trabalho na contemporaneidade”*, apresentamos algumas pesquisas que representam o que vem sendo produzido em relação ao tema: trabalho e professores de ensino superior. Este capítulo será dividido em três momentos: no primeiro será apresentado um breve histórico da docência superior e a definição de “trabalho” e “emprego”. No segundo, pesquisas relacionadas ao trabalho dos professores que, por sua vez, foram divididas em blocos temáticos e, por fim, no terceiro momento, será apresentada a questão de pesquisa.

No quarto capítulo, serão descritos os procedimentos realizados para coleta e análise dos dados para esta pesquisa, bem como, o perfil dos professores de ensino superior que foram entrevistados.

Finalizando a tese, nos capítulos cinco e seis, foram apresentados e discutidos os resultados da pesquisa bem como, considerações gerais sobre o presente estudo e sugestões a novas possibilidades de pesquisa.